

claudia m.º 4

Uma carta de amor

Minha querida -

entregada para Rubem  
Cláudia para ser publicada  
depois de sua morte

Quinta-feira, 5 de Abril de 1958

RUBEM BRAGA

## A CARTA

RECEBI sua carta na hora em que ia saindo de casa. Li-a de um só trago, voltei ao quarto para guardá-la e desci — um amigo me esperava lá em baixo. Fomos conversando até a cidade, e gostei quando me despedi dele, porque o tempo todo era como se eu o estivesse enganando, era como se eu tivesse comigo uma fortuna e não lhe contasse, era como se, conversando com ele, eu estivesse ouvindo uma terceira pessoa invisível, anjo ou fada ao meu lado, e não lhe pudesse mostrar.

Anjo, fada, passarinho azul... Passei o dia em repartições cuidando de uns negócios, esperando em «guichet», fazendo requerimento, pregando estampilha, discutindo com funcionários, ouvindo explicações, providenciando pequenas coisas miúdas, talões, documentos, certidões — e nas salas tristes, tristes, ruidosas, cheias de gente a esperar, a se impacientar, a discutir, havia como que uma aérea redoma de silêncio onde meu passarinho azul cantava, cantava e apenas eu ouvia. Eu devia ter o sortiso de um louco manso, eu falava em decretos e portarias e pensava em músicas e poemas, eu deslizava, feliz e sutil, entre a gente que se acotovelava; e enquanto outros esperavam na fila eu descansava deitado no ar, em doce levitação.

Cheguei em casa tarde; foi tempo de tomar uma chuveirada, mudar a roupa, reler sua carta e tocar, com uma velha amiga, para o Municipal. E chegamos atrasados, perdemos toda a primeira parte de «Giselle». Não fez mal. Começou a segunda parte — e a certa altura veio o milagre. Eu me chamava Oleg Briansky, vesti em mim mesmo um belo corpo e uns trajes de Hamlet; eu, apenas eu, era o belo príncipe — e você, Gisele, era Alicia Márkova. Como v. dançou bem! Alto, sério, esplêndido, eu servia apenas para fazer você mais fluida, só o leve espírito da música no ar. Nunca ninguém foi tão alma; você deixou de ser mulher, era um fantasma gentil esvoaçando entre minha glória e meu tormento, toda pura e toda linda — e, quando se esvaneceu, eu, pesado de chumbo, me abati.

A gente que enchia o teatro nos aplaudiu com fúria, arrebatada. Passei pelos corredores absorto, sem ver ninguém...

Quando voltamos ao palco, sabíamos que o alto momento inefável já não podia existir. Mas nossa vida continuava. Eu vim vestido de Aldo Lotufo e você de Beatriz Consuelo. Como você estava bela, Beatriz! Não mais sílfide: mulher, esplêndida mulher moça e bela, com pernas, cintura, ombros, ao mesmo tempo sólida e ágil, músculos de beleza se lançando com um sorriso no ar, voltando certa, feliz, na geometria sensual do «ballet»...

Agora estou sozinho em casa; ergo-me e olho o mar todo azul, na glória da manhã. E num gesto sagrado e pueril eu beijo a sua carta, como um poeta antigo.

#